



CAFÉFIL 2017

13/03/2017

O difícil facilitário do verbo ouvir

Um dos maiores problemas de comunicação, tanto a de massas como a pessoal, é de como o receptor ouve, e como o emissor, ou seja, o outro, fala.

Numa mesma cena de telenovela, notícia de telejornal ou num simples papo ou discussão, observo que a mesma frase permite diferentes níveis de entendimento. Na conversação dá-se o mesmo. Raras, raríssimas são as pessoas que procuram ouvir exatamente o que a outra está dizendo.

Diante deste quadro venho desenvolvendo uma série de observações e como ando bastante entusiasmado com a formulação delas, divido-as com o competente leitorado que certamente me ajudará passando-me as pesquisas que tenha a respeito.

Observe que:

1. Em geral, o receptor não ouve o que o que o outro fala; ele ouve o que o outro não está dizendo.
2. O receptor não ouve o que o outro fala; ele ouve o que quer ouvir.
3. O receptor não ouve o que o outro fala; ele ouve o que já escutara antes e coloca o que o outro está falando naquilo que se acostumou a ouvir.
4. O receptor não ouve o que o outro fala; ele ouve o que imagina que o outro ia falar.
5. Numa discussão, em geral, os discutidores não ouvem o que o outro está falando. Eles ouvem quase que só o que estão pensando para dizer em seguida.
6. O receptor não ouve o que o outro fala. Ele ouve o que gostaria de ouvir ou o que o outro dissesse.
7. A pessoa não ouve o que o outro fala. Ela apenas ouve o que está sentindo.

8. A pessoa não ouve o que o outro fala. Ela ouve o que já pensava a respeito daquilo que o outro está falando.
9. A pessoa não ouve o que o outro está falando. Ela retira da fala da outra apenas as partes que tenham haver com ela a emocionem agradem ou molestem.
10. A pessoa não ouve o que o outro está falando. Ouve o que confirme ou rejeite o seu próprio pensamento.
11. A pessoa não ouve o que o outro está falando. Ouve o que possa se adaptar ao impulso de amor, raiva ou ódio que já sentia pela outra.
12. A pessoa não ouve o que o outro fala. Ouve da fala dela apenas aqueles pontos que possam fazer sentido para as ideias e pontos de vista que no momento a estejam influenciando ou tocando mais diretamente.

Esses doze pontos mostram como é raro e difícil conversar. Como é raro e difícil se comunicar! O que há em geral, ou são monólogos simultâneos trocados à guisa de conversa, ou são monólogos paralelos, à guisa de diálogo. O próprio diálogo pode haver sem que, necessariamente, haja comunicação. Esta só se dá quando ambos os pólos ouvem-se, não, é claro, no sentido material de “escutar” mas no sentido de procurar compreender em sua extensão e profundidade.

Ouvir, portanto, é muito raro. É necessário limpar a mente de todos os ruídos e interferências do próprio pensamento durante a fala alheia. Ouvir implica uma entrega ao outro, uma diluição nele. Daí a dificuldade das pessoas inteligentes efetivamente ouvirem. A sua inteligência em funcionamento permanente, o seu hábito de pensar, avaliar, julgar e analisar tudo interfere como um ruído na plena recepção daquilo que o outro está falando.

Não é só a inteligência a atrapalhar a plena audiência. Outros elementos perturbam o ato de ouvir. Um deles é o mecanismo de defesa. Há pessoas que se defendem de ouvir o que as outras estão dizendo, por verdadeiro pavor inconsciente de se perderem de si mesmas. Elas precisam “não ouvir” por que “não ouvindo” livram-se da retificação dos próprios pontos de vista, da aceitação de realidades diferentes das próprias, de verdades idem e assim por diante. Livram-se do novo, que é saúde, mas apavora. Não ouvir, é, pois um sólido mecanismo de defesa.

Ouvir é um grande desafio. Desafio de abertura interior: de impulso na direção de próximo, de comunhão com ele, de aceitação dele como é e como pensa. Ouvir é proeza. Ouvir é raridade. Ouvir é ato de sabedoria. Depois que a pessoa aprende a ouvir ela passa a fazer descobertas incríveis escondidas ou patentes em tudo aquilo que os outros estão dizendo a propósito de falar.

**Por Artur da Távola*